

Entre benefícios comprovados e riscos reais, médicos esclarecem quando o uso é indicado, quais são as restrições e por que o acompanhamento profissional é indispensável

GIOVANNA RODRIGUES*

A cannabis medicinal deixou de ser um tema restrito a debates ideológicos e passou a ocupar espaço nas consultas médicas, nas decisões judiciais e nas conversas familiares. Com a ampliação das autorizações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para produtos à base de canabinoides e o aumento da procura por esse tipo de tratamento, surgiram dúvidas sobre regulação e acesso, e o tema ganhou relevância clínica, exigindo informação qualificada. Entre expectativas, dúvidas e receios, especialistas defendem que a conversa precisa sair do campo da opinião e se basear em evidências científicas sólidas.

A ação da cannabis no organismo ocorre por meio do sistema endocanabinoide, que funciona como uma rede de “comunicação interna” que ajuda a regular funções importantes como dor, sono, apetite, humor e inflamações. O próprio organismo produz substâncias parecidas com as da planta para manter esse equilíbrio.

Na cannabis medicinal, os dois principais componentes usados são o CBD (canabidiol) e o THC (tetra-hidrocanabidiol). O CBD não causa efeito psicoativo — ou seja, não dá sensação de “barato”. Ele é usado principalmente por ajudar no controle de convulsões, ansiedade e inflamações, e costuma ser bem

tolerado. Já o THC é a substância que pode alterar a percepção e o comportamento. Ele também pode aliviar dor, relaxar os músculos e estimular o apetite, mas está mais associado a efeitos colaterais, principalmente no campo emocional e cognitivo.

De acordo com a neurologista Thaís Augusta Martins, coordenadora de Neurologia do Hospital Santa Lúcia, em Brasília, as indicações com maior evidência científica atualmente são epilepsia — especialmente alguns tipos específicos —, dor crônica, espasticidade na esclerose múltipla e náuseas e vômitos provocados por quimioterapia.

No campo da psiquiatria, o médico psiquiatra Adiel Carneiro Rios ressalta que a indicação é mais restrita. Para depressão e para a maioria dos transtornos de ansiedade, não há comprovação forte de eficácia da cannabis como tratamento principal. Embora o CBD apresente sinais promissores para ansiedade em situações específicas, os estudos ainda têm limitações importantes, como amostras pequenas, curto tempo de acompanhamento e falta de padronização de doses. Para depressão, a evidência é ainda mais frágil e, quando há efeito, muitas vezes ocorre de forma indireta, como consequência da melhora do sono ou da dor, e não por um efeito antidepressivo consistente.

***Estagiária sob supervisão de Sibeles Negromonte**

Cannabi

PARA QUEM É INDICADO

Epilepsia (com evidência alta para síndromes específicas)

- Dor crônica
- Espasticidade na esclerose múltipla
- Náuseas e vômitos induzidos por quimioterapia

No caso da epilepsia, há comprovação de redução significativa de crises no caso de:

- Síndrome de Lennox-Gastaut
- Síndrome de Dravet
- Esclerose Tuberosa

COMO A CANNABIS AGE NO ORGANISMO?

Age no sistema endocanabinoide humano, composto por receptores (CB1 e CB2) e substâncias naturais produzidas pelo próprio organismo, como anandamida e 2-AG.

Esses receptores participam da regulação de funções como:

- Dor
- Sono
- Apetite
- Humor
- Resposta inflamatória

COMPOSTOS DA CANNABIS MEDICINAL

CBD (canabidiol)

- Não é psicoativo
- Não provoca sensação de “barato”
- Possui efeito anticonvulsivante
- Pode ter ação ansiolítica e anti-inflamatória
- Geralmente é bem tolerado

THC (tetra-hidrocanabinol)

- É psicoativo
- Pode causar alteração da percepção
- Tem efeito analgésico
- Atua como relaxante muscular
- Estimula o apetite

EFEITOS COLATERAIS

Com CBD

- Sonolência
- Tontura
- Alterações gastrointestinais
- Fadiga
- Possível alteração de exames hepáticos em doses elevadas

Com THC

- Sonolência
- Boca seca
- Taquicardia
- Alteração de apetite
- Prejuízo de memória e atenção
- Ansiedade
- Sintomas psicóticos em pessoas vulneráveis

O tratamento deve ser sempre individualizado, iniciado com doses baixas e ajustado de forma progressiva, com acompanhamento médico periódico. Os resultados costumam ser percebidos ao longo de semanas, mas variam conforme a condição tratada.